

Introdução a Museologia – Professor Martin Grossman

Mariana de Almeida Jacinto – 8073768 – noturno

Relato Crítico a partir de palestras do ICOM Brasil 2013

Nas palestras de Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, Jorge Melguizo, José Wisnik e Mia Couto, realizadas na 23ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM), podemos perceber que a memória, o tempo e a sensorialidade são aspectos abordados nesta conferência, cuja temática se define por “Museu (Memória + Criatividade) = Mudança Social”.

O museu e a condição humana é o tema da palestra de Ulpiano. Ele defende a necessidade que o museu deve cumprir na recuperação da relação corpo e obra, isto é, na relação material entre espectador e obra na experiência museu. A partir dessa visão, considera-se o corpo como condição primordial humana, afinal, somos um corpo. Ele faz isso por meio da desconstrução das oposições binárias que privilegiam o logocentrismo e que separam, por exemplo, corpo, matéria e sensorialidade em oposição à espiritualidade, à razão e à mente.

Ulpiano defende sua tese a partir de uma perspectiva fenomenológica, citando a frase da antropóloga inglesa Mary Douglas, “Dar sentido ao mundo implica interpretar o mundo como sensível”. Ele faz uma defesa do corpo e dos sentidos, apresentando a materialidade como objeto da mediação à condição da vida biológica e psíquica. Assim, é colocado como o museu não vem cumprindo a tarefa de dar sentido ao mundo enquanto sensível, tendo em vista que as instituições museológicas vem radicalizando a desmaterialização da cultura material.

A sensorialidade e as coisas materiais são colocadas como desempenhantes de um papel fundamental nas ações da memória, principalmente na memória do saber-fazer, que é definida por Ulpiano como memória-hábito ou memória encarnada. Ele também diferencia a memória textual, que é externa as coisas, da memória experiencial,

que se dá por meio da experiência, sendo que esta última deve ser recuperada pela prática museológica, tornando o museu como agente produtor dessa memória viva das coisas.

Na palestra que tem como questão “O que deve acontecer quando você sai do museu?”, Jorge Melguizo lista uma série de fatores que servem de estrutura na sua reflexão. Ele aponta a necessidade do fortalecimento da sociedade civil, a recuperação da confiança do público em detrimento do privado, a intervenção e a articulação do governo nos territórios e a recuperação do orgulho da cidade.

Melguizo enfatiza a necessidade de uma curadoria que pense a inclusão social. Ele demonstra como os museus não existem para boa parte da população, que questionam sobre o que deve ter dentro do museu, o que irá acontecer, o que é exatamente um museu, de modo que as portas dos museus sempre se constituem como uma barreira para as classes menos privilegiadas economicamente. Mesmo que essas barreiras sejam vencidas em certa medida, as indagações podem permanecer durante a visita. Não se sabe o que será encontrado nas próximas salas, o que são aquelas obras, entre outros questionamentos.

O palestrante coloca então a questão “O que deve acontecer quando você sai do museu?”. Ele aponta que devemos sair do museu com muitas perguntas no sentido de que os museus devem sair das generalizações, dos relatos oficiais, o museu deve ser político, deve provocar o confronto. O museu deve suscitar questão, não aquelas que dizem respeito à intimidação em relação à instituição, mas a própria demonstração dos conteúdos apresentados, das obras, do próprio museu. Afinal, qual o sentido do museu? Para que tudo isso?

Assim, Melguizo dialoga com a palestra de Ulpiano, dizendo achar interessante a questão da sensorialidade discutida por ele. Desta forma, ele coloca: qual a sensação que devemos ter quando saímos do museu? O cansaço é sempre uma sensação recorrente. Ele aponta que o museu deveria ser de graça, para podermos olhar uma obra ou sala e irmos embora sabendo que podemos voltar novamente.

Na palestra de José Wisnik, a questão da sensorialidade aparece nitidamente, mas o tempo/memória também são colocados em análise. Ele norteia a apresentação a partir de sua experiência como curador no Museu da Língua Portuguesa, mais especificamente no terceiro andar deste museu, onde se instalou a Praça da Língua, lugar de uma ontologia da expressão poética em língua portuguesa, que promove uma série de intervenções, contrapontos, a partir de poemas e textos em prosa relacionados com a música ou com a expressão da poesia cantada.

Esse espaço foi pensado para ser um lugar onde se escutem oralizações de poemas acompanhadas de uma visualidade envolvente, projetada em uma tela, mas em todas as dimensões da sala, inclusive no teto, constituindo-se uma “sala do reino das palavras”, onde se presenciam diferentes poemas de épocas distintas.

A questão do tempo/memória pode ser compreendida na ideia apresentada por Wisnik que entende que a literatura não deve ser colocada em um lugar monumental no sentido de ser um texto lapidal. Na Praça da Língua, o texto é não só apropriado, mas deslocado, relido, surpreendido pela presença de quem se apropria dele, pois quem declama aquele texto carrega um mundo de experiência, de modo que é necessário considerar sua biografia, classe social, geração, gênero.

Ao longo da palestra, Wisnik vai dando vários exemplos de módulos que compõem a Praça da Língua. Um deles é centrado no poeta Gregório de Mattos, no qual é apresentado um poema que trata de maneira satírica a farsa das instituições políticas falidas em contexto colonial. Por meio do jogo de palavras, certas palavras-chaves são enfatizadas. Este poema barroco do século XVII é declamado por um cantor de rap, de modo que é possível compreendê-lo também a partir do ponto de vista da cidade brasileira. Wisnik demonstra que este módulo constitui uma questão pedagógica, pois há ao mesmo tempo um texto antigo, mas cheio de atualidades, tanto em seu conteúdo, como na forma como ele é dito.

Por fim, a palestra de Mia Couto embasa-se fundamentalmente na questão do tempo. A ideia principal que norteia a sua fala constitui-se na concepção de museus novos e dinâmicos, que assim devem ser para promover uma relação emancipadora com a sociedade e com os diferentes tempos que se constituem nela. Ele nos alerta para que

seja escapada a sacralização do passado, a elitização da arte, deslocando-se os locais de culto para locais de cultura.